

**Dinâmica da Macroeconomia Nacional como Ferramenta de Apoio à Tomada de
Decisão**

Marco Antônio F. Quadros*
Prof. Orientador:
José Alexandre Menezes**

"Labour was the first price, the original purchase-money that was paid for all things. It was not by gold or by silver, but by labour, that all wealth of the world was originally purchased."

Adam Smith

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo demonstrar que o entendimento da dinâmica da macroeconomia é de fundamental importância para o direcionamento das organizações. A análise das empresas como um sistema aberto, que é influenciado por medidas externas, faz-se necessária num ambiente aberto à concorrência internacional, tornando a empresa nacional mais competitiva. Também será feita uma breve análise da situação econômica nacional avaliando como o governo se utiliza dos fatores que compõem a demanda agregada na definição de sua política econômica e como isso reflete nas organizações.

Palavras-chave: Macroeconomia, PIB, demanda agregada.

A capacidade do empresário em interpretar os presságios refletidos pela macroeconomia de seu país pode ser um fator diferencial para o seu sucesso. O instável cenário econômico global, caracterizado pela interdependência das economias mundiais, juntamente com o aumento considerável da concorrência, que agora se internacionaliza, tem forçado o empresariado brasileiro a se adaptar a essa nova realidade.

Com a abertura das barreiras alfandegárias, iniciada na década de 90, os padrões internacionais de qualidade têm modificado os vários modelos de administração que então predominavam no Brasil obsoleto. Agora, empurrados pela necessidade de garantir sua participação no mercado, o empresário brasileiro é forçado a analisar sua empresa como parte

* Estudante do 3º ano do Curso de Administração com habilitação em Comércio Exterior da UNIFACS e membro do Núcleo de Estudos Sociais da Cidade (CORDIS/UNIFACS).

integrante de uma sistema aberto que sofre transformações e influências causadas por fatores internos e externos.

Como principal fator externo para análise e influenciador de tomada de decisões, destaca-se a macroeconomia. A partir do direcionamento do cenário macroeconômico do país, é possível determinar, por exemplo: onde investir o capital da organização, em que área a empresa deve concentrar suas atividades, o momento certo para novos investimentos, qual a melhor fonte de capital de terceiros, sua política salarial, seu nível de estoques, ou até mesmo optar pelo fechamento das portas da organização. Mas para se utilizar desse instrumento como fonte geradora de informações importantes, faz-se necessário entender primeiro o seu funcionamento.

O principal medidor para se avaliar o andamento da economia de um país é o seu PIB, ou seja, o seu produto interno bruto. O produto interno bruto de um país é tudo aquilo que é produzido internamente no seu território, podendo ser calculado por dois fatores: sua renda ou seu custo.

No cálculo do PIB, leva-se em consideração os seguintes pontos:

- Um real gasto por alguém também é recebido por outro como renda. Portanto, o gasto total é igual à renda total.
- Todo bem produzido é um bem comprado (pois mesmo os que foram produzidos mas não vendidos, são contabilizados como tendo sido comprados pela firma que os produziu para estoque). Portanto a produção total é igual à venda total.
- O PIB só contabiliza os valores dos bens e serviços finais.

Analisando o PIB pela abordagem dos gastos teremos que: o PIB é igual a Demanda Agregada, que é a soma do Consumo das Famílias, mais os Investimentos das Firms, mais as Contas Governamentais, mais o Saldo da Balança Comercial. Sendo representada pela equação: $DA = C + I + G + NX$.

Quando o governo determina sua política econômica, ele se utilizará de meios que afetem de forma direta ou indireta os fatores que formam a equação da demanda agregada. Assim, o Plano Real, que é a base do governo, baseou-se nos seguintes pontos: abertura da economia, controle cambial e reforma fiscal, além de uma âncora monetária, para alcançar seu principal

** Professor do Curso de Administração com habilitação em Comércio Exterior da UNIFACS e PhD em Economia pela Cornell University (EUA).

objetivo que era acabar como o problema da inflação que nos perseguiu por toda nossa história.

Com a abertura da economia, o governo tinha como objetivo aumentar a competitividade das indústrias nacionais, expondo o empresário brasileiro a concorrência externa, forçando assim uma baixa nos preços, já que os produtos importados entravam no Brasil a preços menores do que os praticados pelo mercado interno. Apesar de ter sido um importante instrumento para controlar os constantes aumentos nos preços, essa abertura também teve um impacto negativo na economia, visto que, a indústria nacional não estava preparada para essa concorrência, o que ocasionou a falência de muitas empresas, afetando diretamente o nível de desemprego no país. O desemprego variou de 5,5%, no início do Plano Real, para a média de 9% em 1998, afetando assim o consumo nacional, gerando uma baixa no PIB, além de provocar tensões sociais.

A âncora cambial foi feita através de uma valorização do real, cujo valor foi equiparado ao do dólar. Com a valorização do real fica mais fácil a importação de produtos, visto que, os produtos estrangeiros ficam mais baratos. Assim a balança comercial brasileira operava em déficit, contribuindo para a queda do PIB, além de diminuir as reservas de dólares. A diminuição das reservas brasileiras é um fator de risco para o Brasil, já que ela tem como função ser um mecanismo de controle cambial, ajudar no pagamento da dívida externa, dar confiabilidade ao país para atrair investimentos externos e disponibilizar dólares para transações comerciais internacionais. Hoje, com a desvalorização do dólar, a situação se inverteu, pois agora fica mais fácil exportar, visto que, os produtos brasileiros ficaram mais baratos no exterior. Como consequência voltamos a ter uma balança comercial favorável, com superávit de US\$ 219 milhões entre janeiro e fevereiro.

Como política monetária o Brasil foi forçado a optar por uma política de juros elevados, visando atrair investimentos externos para aumentar a reserva de capital. Mas isso causou uma retração na economia, pois com juros altos os investimentos das empresas caem, sendo a média de investimentos nos anos 90 de apenas 15,48%, além de também causar uma retração no consumo e na economia em geral, pois as empresas são os principais agentes econômicos. Outro ponto negativo é que os juros altos também aumentam o déficit governamental, pois as dívidas internas e externas do país também sofrem elevação. Assim, o governo se encontra em

uma posição ambígua, entre a reserva cambial (juros altos para aumentar a reserva de dólares) e a recessão (juros baixos otimizando o desenvolvimento das empresas).

Por último, o plano real previa uma reforma fiscal do governo para tentar equilibrar as contas da União. Hoje o governo gasta muito mais do que recebe, gerando uma dívida interna muito grande. Entre os principais gastos governamentais pode-se citar: a previdência social, sua folha salarial, gastos com estatais, além do desperdício e mal emprego do dinheiro público. O déficit governamental é hoje o principal vilão da economia brasileira, pois se as contas do governo estivessem em equilíbrio, poderia se adotar uma política de juros baixos, provocando um estímulo aos investimentos das empresas, aumentando o consumo interno, o que dinamizaria a economia, reduzindo também o desemprego. Quanto à reserva monetária, esse problema seria resolvido com o aumento das exportações, com uma reforma cambial e também impulsionado com aumento dos investimentos facilitados agora por juros baixos. Para solucionar o déficit das contas da União, tem-se como propostas: realização de privatizações, programas de demissões voluntárias, redução no orçamento e reformas tributárias e administrativas.

O Plano Real conseguiu atingir o seu objetivo de diminuir com a inflação, que caiu cerca de 2.000% com sua implantação, mas gerou também problemas sociais muito graves, causados pelo desemprego e recessão econômica pelas quais passamos. Essa recessão é visualizada com a queda do PIB em 1998 de 0,15% e previsões negativas para os próximos trimestres de 1999. Entre os setores que contribuíram para a queda do PIB, encontram-se principalmente a indústria de transformação, a construção civil, o comércio e os transportes.

Com a análise da economia nacional e compreensão do seu funcionamento, o empresário brasileiro terá mais facilidades em compreender como sua empresa será afetada por uma eventual medida governamental que afete a demanda agregada do país. Por exemplo, sabendo quais os setores em recessão (indústria de transformação, construção civil, agropecuária), pode-se saber para onde direcionar o foco de atuação da empresa; tendo conhecimento da política monetária, é fácil determinar se vale a pena reinvestir o dinheiro ou aplicar no mercado financeiro; determinar a política de estoque (com juros altos é vantagem o acúmulo de capital sob a forma de produtos); se o período é apropriado para investimentos, dependendo do aumento do PIB (economia em crescimento); se é recomendável a tomada de empréstimos (dependendo dos juros).

Portanto, uma visão sistêmica para análise de sua organização é primordial para que o empresário consiga estabelecer uma relação harmônica entre sua empresa e o cenário macroeconômico, visto que , um influencia o outro diretamente e pode ser fator decisivo para a sobrevivência da organização. Somente com essa conscientização, os modelos de administração poderão ser aprimorados, criando-se novas formas de gestão e controle, caso contrário as empresas nacionais continuarão a serem superadas por organizações internacionais que têm esses conceitos já incorporados em sua cultura.

BIBLIOGRAFIA

ROSSETTI, J.P. **Introdução à economia**. São Paulo, Atlas, 1997.

SACHS, Jeffrey D. **Macroeconomia**. São Paulo: Makron Books,. Rio de Janeiro, Campus, 1996

SAMUELSON, P. A. **Introdução a Análise Econômica**. São Paulo, Agir.

WESSELS, Walter J. **Economia**. São Paulo, Saraiva, 1998.